



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

ELAINE ALVES FERNANDES

**O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS I**

João Pessoa, PB
2014

ELAINE ALVES FERNANDES

**O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS I**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a Ms Genoveva Batista do Nascimento

João Pessoa, PB
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F362p Fernandes, Elaine Alves.

O perfil do profissional arquivista da Universidade Federal da Paraíba campus I / Elaine Alves Fernandes. – João Pessoa, 2016.

32f. : il.

Orientador: Profa. Ma. Genoveva Batista do Nascimento.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquivologia) – UFPB/CCSA.

ELAINE ALVES FERNANDES

O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS I

Artigo apresentado ao curso de graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Aprovado em: 22/08/2014

BANCA EXAMINADORA

**Prof^a Ms Genoveva Batista do Nascimento
Orientadora (UFPB)**

**Prof^a Ms Ana Cláudia Medeiros de Sousa
Examinadora (UFPB)**

**Prof^a Ms Geane de Luna Souto
Examinadora (UFPB)**

O PERFIL DO PROFISSIONAL ARQUIVISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS I

Elaine Alves Fernandes

RESUMO

A presente pesquisa analisa o perfil dos profissionais arquivistas que atuam na Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Caracteriza-se como descritiva e exploratória, tendo abordagens quantitativa e qualitativa para análise dos dados. Utilizou-se o questionário como instrumento de coleta. A amostra é composta por oito profissionais que atuam em setores da Universidade Federal da Paraíba. Os resultados indicam que a maioria dos participantes da pesquisa são do sexo feminino, sendo que quatro por cento dos profissionais arquivistas tem idade acima de vinte e cinco anos e os outros quatro por cento tem idade acima dos trinta e cinco anos, tendo a maioria pós graduação a nível de especialização em diferentes áreas, como psicopedagogia, educação e sociedade, memória, gestão pública e organização de arquivos. Já os mestrados são na área de Ciência da Informação. Conhecer esses profissionais arquivistas que atuam na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, é fundamental para compreender melhor o seu potencial, bem como seus desafios e limitações ao atuarem no Campus I da Universidade, e assim, propiciar a UFPB identificar que profissionais ocupam os seus espaços e reconhecer que atividades estão sendo desenvolvidas por eles no contexto institucional.

Palavras-chave: Arquivo. Arquivista. Universidade Federal da Paraíba.

1 INTRODUÇÃO

Com as mudanças que ocorrem na sociedade, sejam estas políticas, sociais ou culturais, surge a necessidade dos profissionais repensarem sua maneira de atuar, se comportar, qual o seu perfil frente as tais mudanças exigidas pelo mercado de trabalho.

Para tanto, este artigo busca realizar um estudo sobre o perfil dos arquivistas da Universidade Federal da Paraíba do Campus I, como forma de conhecer sobre esses profissionais que atuam em diferentes contextos e que são tão importantes para a preservação e conservação dos documentos que compõem organicamente e historicamente a UFPB. A respeito do perfil do arquivista, Duarte (2006, p.147) diz que, “Nos recentes debates sobre o papel [perfil] do arquivista na era da informação, a ideia de que esse profissional precisa se preparar para a era pós-custodial dos arquivos, é repetidamente expressa”.

Duchein (1993 *apud* DUARTE, 2006, p. 145), acrescenta que “é essencial que os arquivistas não depreciem seu papel como guardiões dos documentos, um papel oficialmente reconhecido pelas várias leis nacionais sobre prova documental”. Entretanto, os arquivistas devem transcender seu papel de custódios, se desejam sobreviver como profissionais neste século.

Apesar da graduação em arquivologia ser um curso recente na UFPB, iniciando as aulas no segundo período do ano 2008, a UFPB conta hoje com um quadro efetivo de arquivistas do próprio estado, como também vindo de outros estados do Brasil.

Portanto, para nortear nosso estudo, traçamos como objetivo geral: Analisar o perfil do profissional arquivista que atua nos arquivos da Universidade Federal Paraíba – UFPB, Campus I. Especificamente desdobrados em: Conhecer a formação de cada profissional, bem como compreender suas atividades e responsabilidades dentro dos arquivos da Universidade Federal Paraíba – UFPB, Campus I.

A relevância em pesquisar os arquivistas da instituição citada, se justifica pelo fato deste estudo conhecer o perfil deste profissional, e assim, propiciar a UFPB identificar que profissionais ocupam os seus espaços e reconhecer que atividades

estão sendo desenvolvidas por eles no contexto institucional, através de políticas públicas que segundo Jardim se define da seguinte forma “o conjunto de premissas, decisões e ações – produzidas pelo Estado e inseridas nas agendas governamentais em nome do interesse social – que contemplam os diversos aspectos (administrativo, legal, científico, cultural, tecnológico etc.) relativos à produção, uso e preservação da informação arquivística de natureza pública e privada”. Cujo objetivo principal se baseia ao livre acesso a informação por parte de todos, como também contar com o apoio por parte dos dirigentes.

Servindo de motivação e estímulo para todos aqueles que idealizam e sonham com um arquivo devidamente organizado sem que se esbarre nas limitações impostas pela burocracia e/ou pelo descaso com nossos arquivos. Uma vez que a formação universitária ainda está em “busca de identidade própria, a Arquivologia trilha por caminhos susceptíveis e questionáveis no que diz respeito ao seu corpo teórico e epistemológico.” (DUARTE, 2006, p. 145)

Conhecendo melhor o perfil desses profissionais, compreenderemos melhor o potencial do arquivista dentro da Universidade Federal da Paraíba, bem como seus desafios e limitações ao atuarem no Campus I da Universidade. E ao término desse trabalho, elencar considerações sobre o que pode ser acrescentado na formação acadêmica dos alunos de Arquivologia, vislumbrando um profissional que busque se atualizar frente às necessidades exigidas pelo mercado de trabalho.

2 ARQUIVO E ARQUIVISTA: DESCORTINANDO SEUS CONCEITOS

Para estudar o perfil do profissional arquivista da Universidade Federal da Paraíba, é necessário, também, fazer uma revisão literária sobre os conceitos de arquivo e arquivista, com a finalidade de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre os mesmos diante dos estudos arquivísticos.

Segundo Bellotto (2002, p. 6),

A natureza da arquivística como área de conhecimento está limitada por seu objeto principal, o arquivo, e pode compreender a história dos arquivos, as legislações arquivísticas, a profissão, a terminologia, a teoria (que envolve profundamente a sua ligação com a

administração, o direito e a história), a metodologia e o estudo da geração das informações e a produção dos documentos arquivísticos, assim como o estudo dos procedimentos técnicos referentes aos arquivos.

Dito isto, “os arquivos nascem como uma necessidade da vida pública e privada, de fazer duradouras as ações religiosas, públicas e econômicas e, ao mesmo tempo, constituem-se na sua memória.” (HEREDIA HERRERA, 1991 *apud* SOUSA, 2009, p. 96).

Ressalvando Duarte (2006, p. 142), “o arquivo é memória e esta, por sua vez, tem potencialidade para informar e alterar a realidade presente. A memória só é pensável como arquivo quando se pretende determiná-lo enquanto monumentalidade”.

A origem e o significado da palavra arquivo de acordo com muitos estudiosos possuem duas vertentes:

a primeira diz que é originária do grego arché (palácio dos magistrados), passando depois a se chamar archeion (local utilizado para guardar e depositar documentos); e a segunda, que é originária do latim, archivum, quer dizer: local de guarda de documentos e outros títulos. (RODRIGUES, 2011, p. 22).

Duarte (2006, p. 142) o termo arquivo é “possuidor de definições polissêmicas e polêmicas, muitas vezes associadas aos conceitos de documento e memória.” O arquivista inglês Hilary Jenkinson, no seu manual intitulado *Manual of archive administration* definiu arquivo como os documentos

[...] produzidos ou usados no curso de um ato administrativo ou executivo (público ou privado) de que são parte constituinte e, subsequentemente, preservados sob custódia da pessoa ou pessoas responsáveis por aquele ato e por seus legítimos sucessores para sua própria informação. (JENKINSON *apud* SCHELLENBERG, 2006, p. 36).

Adiante, Schellenberg (2006, p. 41), elabora sua definição de arquivo dizendo que “são os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa e que hajam sido depositados ou selecionados para depósito, num arquivo de custódia permanente”.

Todavia, nos tempos atuais, a definição de arquivo segundo Sousa (2009, p.100), “aparece vinculada à noção de cidadania, ao direito à informação, ao apoio à administração, à cultura, ao desenvolvimento científico e, ainda, como elemento de prova”. Tal que, no Brasil, ressaltamos duas definições. Sendo, a primeira, a da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, art. 2º, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências, que traz a seguinte definição para arquivos:

Consideram-se arquivos, para os fins desta Lei, os conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos.

E a segunda, a do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 27), que define os arquivos como “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte”.

Tais conceitos descrevem a essência do que é um arquivo, cuja organização é fundamental para o bom funcionamento do fluxo de trabalho, otimizando assim o tempo de recuperação e preservando também a memória da instituição. Porém, para que isso ocorra, tais arquivos precisam estar compostos de bons profissionais arquivistas, que irão fazer toda a diferença no comando dessa tarefa tão essencial que é a preservação da memória e da história da instituição, assegurando assim a propagação da informação, atendendo o público desejado.

Lodolini (1993, p. 67 *apud* SOUSA, 2009, p. 97) “esclarece que o lugar da custódia e a presença de um ‘responsável’ [arquivista], revestido de fé pública, eram [e são] condições para existência do arquivo”. Pearce-Moses (2005, p. 33, tradução nossa) define arquivista como,

1. uma pessoa responsável pela avaliação, aquisição, organização, descrição, preservação e por fornecer acesso a documentos de valor permanente, de acordo com os princípios de proveniência, de forma original e controle coletivo para proteger a autenticidade e contexto dos materiais.
2. Um indivíduo com responsabilidade pela gestão e supervisão de um repositório de arquivo ou dos documentos de valor permanente.

Enquanto Duarte (2006, p. 145), acrescenta que,

O arquivista tem sido orientado para satisfazer necessidades informativas, de modo que a administração desenvolva suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres das pessoas, contidos nos documentos, e para tornar possíveis a pesquisa e a difusão cultural. Com essa visão, dá-se a ele a denominação de profissional da informação.

Portanto, são atribuições do arquivista, de acordo com a Lei nº 6.546, de 04 de julho de 1978, art. 2º, que dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, os seguintes incisos:

I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo;

II - planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo;

III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias;

IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos;

V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos;

VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos;

VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos;

VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação;

IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos;

X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos;

XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa;

XII - desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

Logo, ser arquivista é

compreender a natureza da arquivística, aprender a teoria e metodologias da arquivística e saber empregar os conhecimentos adquiridos e aplicá-los no desempenho das funções arquivísticas da classificação, avaliação, descrição e difusão, não só na sua formação universitária de base, mas também não deixando de percorrer todos os meandros da educação continuada. (BELLOTTO, 2002, p. 6)

Por isso, assim como não há escolas sem professores, também não deveriam existir arquivos sem arquivistas, visto que, tal profissão é primordial para a compreensão e difusão da importância e da responsabilidade do que é ter e manter um arquivo devidamente organizado, atendendo assim as necessidades orgânicas, sociais e culturais da nossa instituição.

3 O PERFIL DO ARQUIVISTA EM TEMPOS DE MUDANÇA

A profissão de arquivista é “uma profissão de identidade universal, que repousa em bases comuns e é capaz de se adaptar às especificidades de práticas particulares, nutrida pela renovação gerada pela pesquisa”. (BELLOTTO, 2006, p. 303)

Apesar da existência dessa identidade universal, as singularidades e as particularidades encontradas em cada arquivo, dão a essa profissão um incentivo na busca constante pelo conhecimento através da pesquisa, a fim de suprir a dificuldade encontrada em cada experiência vivida.

Segundo Conceição (2013, p. 72), este profissional,

[...] deve ser um profissional polivalente no qual se permita vários tipos de aplicações e/ou empregos dentro do seu campo de atuação. Na verdade, o arquivista tradicional já vem há algum tempo, ocupando espaço secundário nesse mercado em relação a outros profissionais da informação, não sei se talvez erradicado do mercado atual, mas o que se sabe é que as organizações demandam novas necessidades que vão muito além de arquivar documentos, classificar e descrevê-lo.

Ou seja, os arquivistas têm a competência de adiantar as mudanças e prosseguir com as mesmas, saindo do estereótipo de fazer sempre a mesma coisa.

Buscando assim o conhecimento continuo, a fim de fazer e de ser o diferencial no desenvolvimento das suas atividades no arquivo.

Destarte, o perfil do profissional arquivista como diz Ferreira (2003 *apud* CONCEIÇÃO, 2013, p. 73) deve ter,

Conhecimento do ambiente de negócios da informação; capacidade de trabalhar em grupo; distinção e localização de informações relevantes e relevância nas informações; o domínio na utilização de equipamentos eletrônicos e na operação de sistemas ou softwares específicos; conhecimento de bases de dados [...]; domínio da lógica dos sistemas de indexação; excelência na comunicação oral e escrita; conhecimento da infra-estrutura e serviços de informação; ter flexibilidade e polivalência; entender e gerenciar episódios de diferentes naturezas e aplicações; atualização profissional constante; habilidade na identificação de clientes e fornecedores; habilidade na identificação de parceiros.

Por isso, quando falamos do profissional arquivista no século XXI, espera-se que o mesmo seja proativo, buscando desempenhar seu trabalho de maneira eficiente.

Contudo, Bellotto (2006, p. 306) expressa que o arquivista “deve se posicionar no *front* da informação e estar presente desde sua criação até todos os seus usos possíveis, passando por sua organização e gestão”, uma vez que,

[...] do arquivista depende a eficácia da recuperação da informação: sua uniformidade, ritmo, integridade, dinamismo de acesso, pertinência e precisão nas buscas, porque terá havido precisão na classificação, avaliação e descrição [...]

Habilidades essas que são desempenhadas por este profissional, pois, ao longo de sua formação acadêmica estudam conteúdos que permitem a aplicação de tais atividades. E caso contrário, essa busca pela qualificação profissional deve ser sempre constante, pois a informação é algo continuo, em crescimento e desenvolvimento constante, o qual devemos estar sempre em sintonia para não ficarmos ultrapassados.

Logo, Conceição (2013, p. 73) afirma que

O profissional moderno, antecipa-se e traz rápidas soluções a possíveis questões que possam vir a afetar o desempenho da organização, tanto no presente quanto no futuro. Fazemos parte de uma sociedade de informação repleta de incertezas e desafios, e de acordo com a fugacidade dos fenômenos que percorrem a informação e as novas tecnologias que alvorecem a todo o momento não podemos definir com clareza até onde o arquivista irá trilhar, afinal nada é absoluto, tudo é relacional, mas é possível através de acompanhamento contínuo das inovações do mercado tentar prevê e/ou imaginar o futuro dessas empresas e desses profissionais.

E para acompanhar esse ritmo, estes profissionais precisam estar antenados as mudanças e as constantes modificações/atualizações do mercado de trabalho. Visto que o resultado final do desenvolvimento dos trabalhos do arquivo depende muito das atividades realizadas desde o início, como o processo de higienização à etapa de classificar tais documentos, entre outras desempenhadas pelo arquivista, por isso, é importante sua atualização para acompanhar as mudanças que ocorrem ou possam ocorrer.

4 TRILHA METODOLÓGICA

O *corpus* da pesquisa constituiu-se dos Arquivistas que atuam na Universidade Federal da Paraíba do Campus I, formado por nove profissionais, sendo seis com formação em Arquivologia e três com formação em outras áreas. Distribuídos nos seguintes locais de trabalho: 01 na CODESC (Coordenação de Cadastro Escolar); 02 no CCS (Centro de Ciências da Saúde); 02 no NDIHR (Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional); 01 no CCHLA (Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes); 01 no Arquivo Geral; e 02 na PROGEP (Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas).

No que se refere a caracterização da pesquisa, se configura como exploratória, que nas palavras de Prestes (2003, p.26),

[...] tem como objetivos proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai ser investigado, facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir uma nova possibilidade de enfoque para o assunto.

É também um estudo de caso, uma vez que investigamos um grupo específico visando elencar considerações sobre o perfil destes. Assim,

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe.

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (FONSECA *apud* GERHART, SILVEIRA, 2009, p. 39).

A abordagem utilizada para análise dos dados constitui-se como quantitativa e qualitativa. De acordo com Fonseca (*apud* Gerhart, Silveira, 2009, p. 33),

[...] os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc.

Por outro lado, a abordagem qualitativa “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHART, SILVEIRA, 2009, p. 32) Tendo as seguintes características:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHART, SILVEIRA, 2009, p. 32)

Para a coleta dos dados, junto aos arquivistas, utilizamos com instrumento de pesquisa o questionário que é,

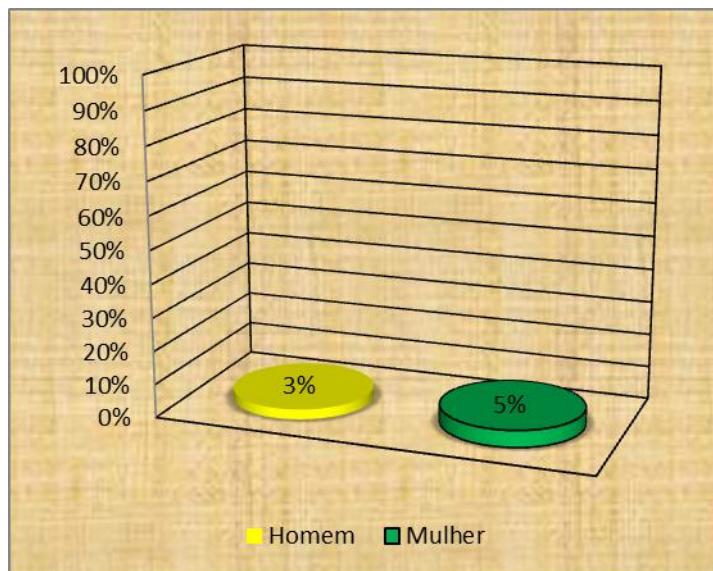
[...] um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GERHART, SILVEIRA, 2009, p. 69)

Optamos aplicar o questionário por se tratar de um instrumento de pesquisa de fácil aplicação e por tornar o pesquisado livre para responder as questões. Dos 09 arquivistas que atuam em diferentes setores da UFPB, que constituem nosso ambiente de pesquisa, obtivemos uma amostra de 08 questionários respondidos onde cinco questionários foram enviados e respondidos via e-mail e os outros três foram aplicados pessoalmente pela pesquisadora.

6 RESULTADOS DA PESQUISA

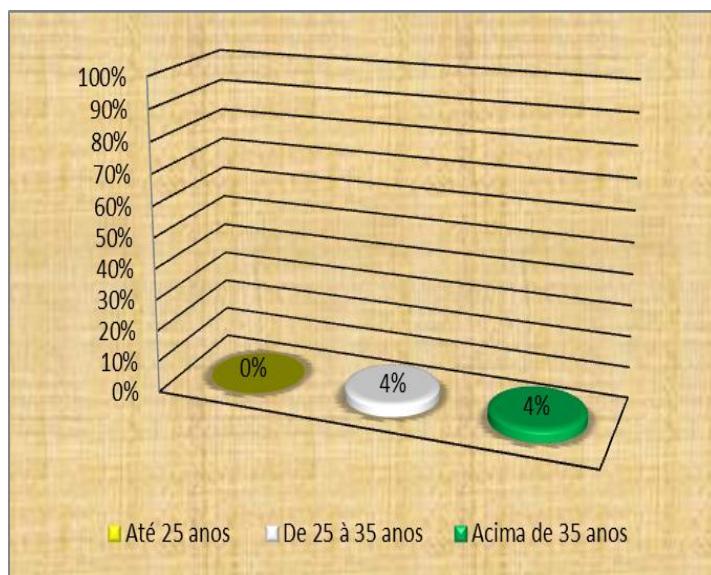
A seguir, apresentaremos o resultado obtido na pesquisa referente ao perfil do arquivista da UFPB, Campus I. Logo, descreveremos os gráficos referentes às questões objetivas abordadas no questionário, já as questões subjetivas serão avaliadas qualitativamente para um melhor entendimento.

A primeira parte do questionário tratou do perfil dos sujeitos, como apresentam os gráficos a seguir:

Gráfico 1 - Sexo

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

No gráfico acima podemos perceber que o maior número de profissionais arquivistas da UFPB, Campus I pertence ao sexo feminino, sendo representado por 5% e os outros 3% pertencem ao sexo masculino. Logo, concluímos que as mulheres ainda se configuram como predominantes no curso de arquivologia, como também nos ambientes de trabalho, apesar da área de arquivologia ser uma área bastante mista.

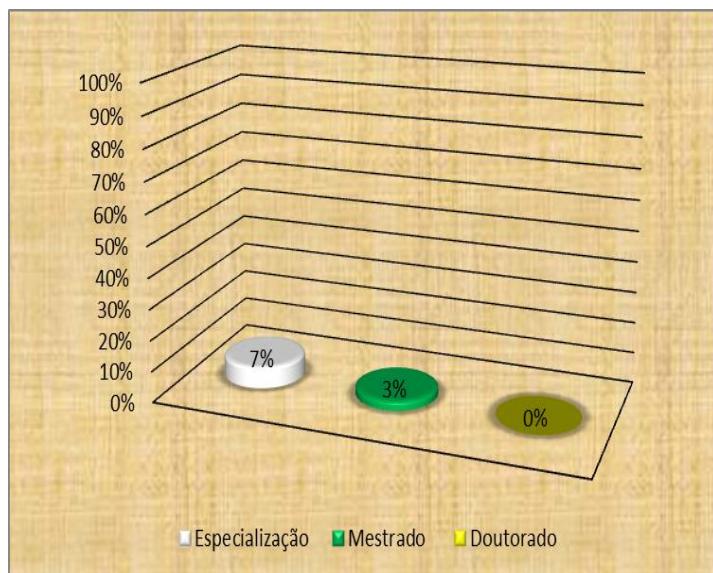
Gráfico 2 - Idade

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quanto a faixa etária dos participantes da pesquisa, 4% estão na faixa etária entre 25 à 35 anos; e os outros 4% estão na faixa etária acima dos 35 anos de idade.

Este resultado nos mostra que estes profissionais possuem uma boa média de idade, o que os torna mais seguros e com mais experiência na área de arquivologia, contribuindo para o amadurecimento da área dentro do Campus I.

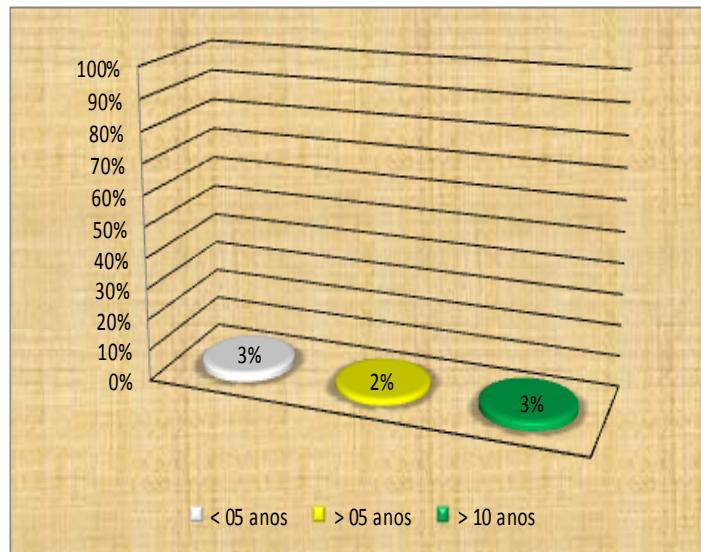
Gráfico 3 – Formação



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

No que diz respeito a formação, os dados indicam que 7% dos profissionais arquivistas possuem especialização e que 3% possui mestrado. Esse resultado mostra que todos buscaram algum tipo de qualificação após a graduação, mesmo que essa não seja propriamente na área da arquivologia, o que podemos inferir que quanto mais qualificado, mais atuante e conhecedor de suas atividades, pois, está sempre inovando os seus conhecimentos.

Gráfico 4 – Tempo de atuação na UFPB



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

No gráfico 4, verificamos que em relação ao tempo de atuação na UFPB, 3% afirmaram possuir até 5 anos de experiência no arquivo; 2% afirmaram possuir mais de 5 anos de atuação no arquivo e os outros 3% afirmaram possuir mais de 10 anos de serviço em arquivo.

Isto evidencia que, o corpo de profissionais arquivistas da UFPB, Campus I, já possui boa experiência na área de arquivologia, o que influencia positivamente na tomada de decisão mediante situações adversas. Pois, conhecem quais as necessidades de mudança para desempenharem suas atividades e contribuir para melhorias dos serviços no âmbito institucional.

Na questão cinco perguntamos aos arquivistas que atividades/tarefas eles desenvolvem no arquivo. E tivemos as seguintes respostas:

Quadro 1 – Atividades desenvolvidas

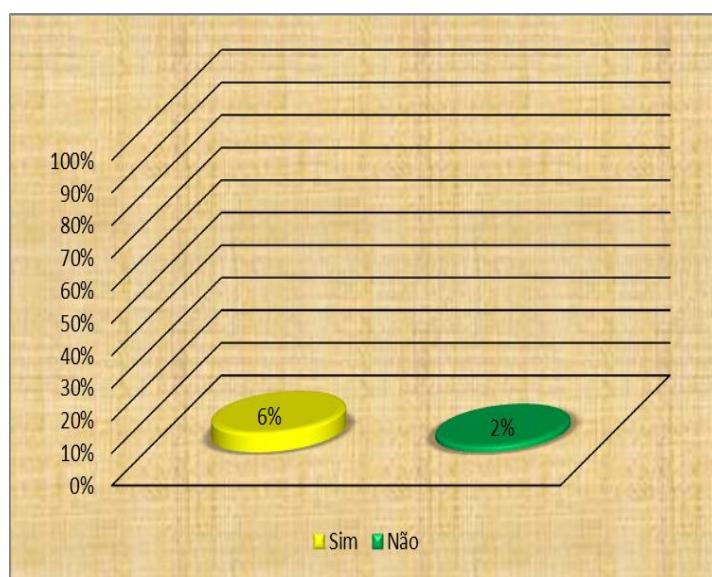
SETORES	DESCRÍÇÃO DAS ATIVIDADES
CCHLA	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar documentos; • Atender pesquisadores e setores do CCHLA; • Orientar os setores sobre a correta utilização dos documentos, arquivamento e transferência; • Organizar sistema de transferência de pastas entre arquivos corrente, intermediário e permanente.
NDIHR	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento, organização e acompanhamento do processo documental e informático; • Avaliação e seleção de documentos para fins de preservação; • Promoção de medidas necessárias à conservação de documentos; • Atendimento a consultentes; • Organização de arquivo; • Higienização dos documentos; • Pré-classificação; • Quadro de arranjo; • Classificação e ordenação; • Acondicionamento; • Fichamento; • Elaboração de instrumentos de pesquisa; • Atendimento ao usuário; • Limpeza e organização do espaço; • Pesquisa; • Elaboração de trabalhos científicos; • Apresentação em eventos da área.
ARQUIVO GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação quanto à classificação e organização dos documentos armazenados no setor; • Supervisão dos estagiários e da disciplina de laboratório de práticas arquivísticas.
	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento; • Orientação;

PROGEP	<ul style="list-style-type: none"> • Supervisão de estágio; • Direção; • Assessoria dos serviços de informação e documentação; • Gerenciamento de dados; • Controle de documentos e processos
CCS	<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento; • Transferência de informação para suporte digital; • Higienização; • Avaliação; • Seleção; • Aplicação da TTD (Tabela de Temporariedade de Documentos); • Arquivamento; • Acondicionamento dos documentos.

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Fica explícita a responsabilidade referente às atividades desenvolvidas por cada setor, onde cada um desenvolve no curso das suas atribuições, serviços essenciais tanto para a própria UFPB, como também para a sociedade em geral, já que muitos desses documentos são de interesse público, o que atrai muitos pesquisadores.

Gráfico 5 – Qualificação

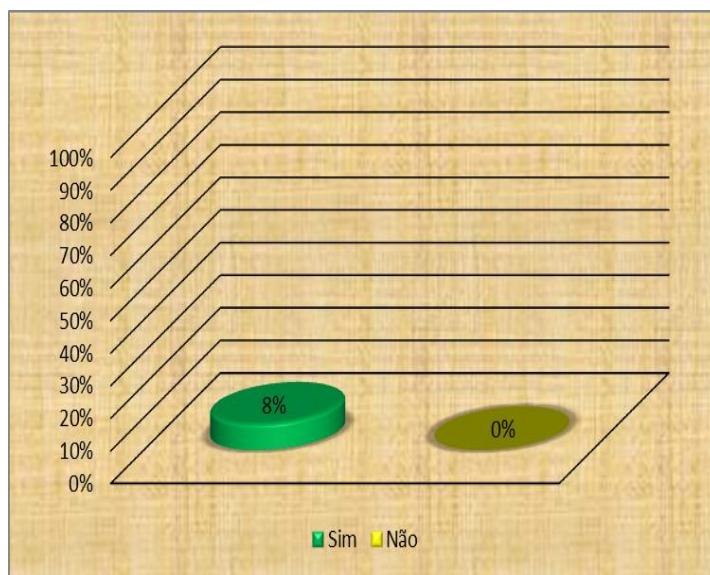


Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Ao que concerne a qualificação, podemos verificar que a maioria, representado pelo percentual de 6% dos profissionais arquivistas precisaram buscar algum tipo de qualificação para suprir algum tipo de dificuldade encontrada no seu setor de trabalho. E que 3% não precisaram requerer a nenhum tipo de qualificação por causa da necessidade do setor.

Diante desse resultado, fica claro que a busca/procura por algum tipo de qualificação, se faz sempre necessária, seja por necessidade do próprio setor, ou por motivo de crescimento pessoal/profissional. A única certeza que temos é que o profissional arquivista precisa está sempre se aperfeiçoando, se qualificando, visto que essa área está sempre em constante transformação/evolução, principalmente no que se refere a questão tecnológica, digital.

Gráfico 6 - Compatibilidade de funções desempenhadas no arquivo



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

No gráfico 6 constatamos nos dados coletados que todos os profissionais arquivistas da UFPB, Campus I, representado pelo percentual de 8%, informam que desempenham funções compatíveis com a de um arquivista.

Isso é uma questão primordial, diria essencial, para o desenvolvimento da área dentro do Campus I, visto que todos os profissionais estão envolvidos nas mais diversas atividades em prol da organização dos nossos arquivos. É relevante afirmar que é necessário que haja uma maior disponibilidade de horários por parte desses profissionais no intuito de receber os alunos do curso de arquivologia quando os

docentes agendem visitas ao arquivo, pois, em alguns destes setores os profissionais não recebem alunos no período noturno, no entanto, pela manhã ou tarde fica inviável para os alunos, visto que em sua maioria trabalham neste período. Além do mais que o curso de arquivologia da UFPB é apenas noturno.

Na última questão perguntamos quais as principais dificuldades encontradas no ambiente de trabalho pelo arquivista e foram apresentadas as seguintes respostas:

Quadro 2 – Principais dificuldades

SETORES	DESCRÍÇÃO DAS PRINCIPAIS DIFÍCULDADES
CCHLA	<ul style="list-style-type: none"> • Autorização da comissão de licitação para aquisição de material permanente e material de consumo de produtos de arquivo: como luvas, máscaras, caixa, pasta, estantes deslizantes, gaveteiro, armário e etc.
NDIHR	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico insuficiente; • Climatização inadequada (temos apenas um ar-condicionado e um isterilair); • Falta de equipamentos e de materiais específicos para a conservação e preservação dos documentos(textuais, iconográficos, micrográficos, etc); • Falta de material necessário para o trabalho mais simples, • Falta de incentivo administrativo; • Falta de recursos para qualificação; • Falta de instrumentos tecnológicos para atender ao usuário e para o trabalho.
ARQUIVO GERAL	<ul style="list-style-type: none"> • A não valorização dos profissionais de arquivo e dos próprios arquivos, embora haja projetos que visem à aplicação da gestão documental dentro das instituições, esses trabalhos são ignorados quando chegam numa instância maior. • Houve uma abstenção de

PROGEP	<p>resposta, alegando ter receio que esse questionário chegasse aos seus superiores, prejudicando assim a sua imagem e o seu trabalho dentro da universidade;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pensamento arcaico do Pró-reitor de Gestão de Pessoas.
CCS	<ul style="list-style-type: none"> • Espaço físico inadequado, com pouca iluminação, presença de infiltrações, falta de estantes e falta de material adequado, entre outros; • Falta de investimento em recursos humanos e materiais de expediente; • Falta de cursos que possam capacitar a todos sobre a importância do arquivo para a instituição; • Sistemas integrados de informação arquivística que dê suporte do Arquivo Geral aos Arquivos Setoriais.

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

É notório observar que ao mesmo tempo em que esses setores desenvolvem atividades tão importantes tanto para a gestão documental, como para a história e memória da Universidade Federal da Paraíba, ao mesmo tempo enfrentam tantas dificuldades para realizarem seus trabalhos, houve até quem se absteve em responder uma das questões alegando receio que tanto sua imagem como o seu trabalho fosse prejudicado dentro da universidade caso o questionário respondido chegasse aos seus superiores, o que de certa forma desestimula o trabalho desses profissionais, que deveriam receber melhores condições de trabalho, uma vez que é de total interesse da universidade ter e manter os seus arquivos devidamente organizados.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa permitiram destacar que a Universidade Federal da Paraíba, Campus I, possui excelentes profissionais arquivistas, com experiência,

qualificação e que principalmente estão dispostos a fazer a diferença dentro dos seus setores de trabalho. Porém, precisam de condições básicas de trabalho, como ambientes adequados, materiais de expedientes e o apoio dos seus gestores na árdua missão que é estruturar e conservar um arquivo. Porém, isso não significa que tais profissionais se mantenham estagnados, a mercê de uma gestão. É preciso sim que haja interesse de cada um desses profissionais de sempre estarem se aperfeiçoando, se qualificando dentro das suas áreas de trabalho e pesquisa e buscando sempre fazer seu melhor dentro das limitações já expostas. Valendo-se do conceito de educação continuada que diz nunca ser cedo ou tarde demais para aprender, os profissionais arquivistas precisam estar sempre abertos a novas ideias, decisões, habilidades ou comportamentos, numa buscar constante pelo saber.

Para Belloto (2004,p.306) o papel deste:

[...]depende a eficácia da recuperação da informação: sua uniformidade, ritmo, integridade, dinamismo de acesso, pertinência e precisão nas buscas, porque terá havido precisão na classificação, na avaliação e na descrição. Sua atuação pode influir muito no processo decisório das organizações e nas conclusões a que chegam os historiadores a respeito da evolução e da identidade da sociedade.

Sabemos que dentro de um universo tão grande que é o Campus I da UFPB, há sim bons profissionais e outros que se aproveitando do cenário desfavorável, validam-se disso para deixar de contribuir com a construção e evolução dos trabalhos em prol da própria instituição, que em contra partida são desenvolvidos com tanto afínco por outros. Reforçando, portanto, as palavras de Barros e Neves (2009, p.58, grifo nosso) onde destacam que,

[...] o arquivo é um sistema de informação social que se materializa em qualquer tipo de suporte, sendo caracterizado, principalmente, pela sua natureza orgânica e funcional associada à memória. Desse modo, a principal justificativa para a existência do arquivo é a sua capacidade de oferecer a cada cidadão um senso de identidade, de história, de cultura e de memória pessoal e coletiva.

Diante do exposto, concluímos que é preciso um trabalho de conscientização vinda da esfera mais alta da pirâmide, para que os arquivos sejam vistos com olhos de águia, que enxergam além, e assim ultrapassar as barreiras da burocracia.

Conhecer os nossos próprios profissionais e traçar seu perfil, talvez tenha sido o primeiro passo de uma caminhada longa, mas que com a competência, o foco e a determinação que cada um transpareceu, o sonho de termos arquivos de organização exemplares será apenas consequência.

THE ARCHIVIST PROFESSIONAL PROFILE OF THE UNIVERSITY OF FEDERAL PARAÍBA (UFPB) CAMPUS I

ABSTRACT

The present research examines the perceptions of professional archivists who work at the Federal University of Paraíba, Campus I. Characterized as descriptive and exploratory, with quantitative and qualitative approaches to data analysis. We used the questionnaire as a data collection instrument. The sample consists of eight professionals who work in sectors of the Federal University of Paraíba. The results indicate that the majority of respondents were female, and four percent of professional archivists have aged over twenty-five years and the other four percent are aged over thirty-five, with most post graduate-level specialization in different areas such as educational psychology, education and society, memory, public gestation and file organization. The masters in the field of Information Science. Knowing these professional archivists who work at the Federal University of Paraíba, Campus I, is critical to better understand its potential and its challenges and limitations when acting on the University Campus I and thus provide UFPB identify which professionals hold their spaces and recognize that activities are being carried out by them in the institutional context.

Keywords: File. Archivist. Federal University of Paraíba.

REFERÊNCIAS

BARROS, Dirlene Santos; NEVES, Dulce Amélia de Brito. Arquivo e Memória: uma relação indissociável. **Rev. TransInformação**. Campinas, v. 21, n. 1, p. 55-61, jan./abr. 2009.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística objetos, princípios e rumos**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/51319150/BELLOTTO-Heloisa-Liberalli-Arquivistica-objetos-principios-e-rumos-Sao-Paulo-Associacao-de-Arquivistas-de-Sao-Paulo-2002>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

_____. **Arquivos Permanentes: Tratamento Documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

_____. **Lei nº 8.159, 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159htm>. Acesso em: 15 jul. 2013

CONCEIÇÃO, Alexandre da Silva. **INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA: o [in]sumo da sociedade contemporânea-a riqueza das organizações**. Archeion Online, João Pessoa, v.1, n.1, p. 63-76, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/archeion/article/view/17140/9755>>. Acesso em: 19 out. 2013.

DUARTE, Zeny. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. In: **Revista da Faculdade de Letras CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO**. Porto: I Série vol. V-VI, pp. 141-15, 2006-2007. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

GERHART, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ica.ufmg.br/mestrado_ica/images/stories/arquivos_mestrado/mtodos%20de%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2014.

PEARCE-MOSES, Richard. **A Glossary of Archival and Records Terminology**. Chicago: SAA - The Society of American Archivists, 2005. Disponível em: <<http://files.archivists.org/pubs/free/SAA-Glossary-2005.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2014.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico:** do planejamento aos textos, da escola à academia. 2 ed. São paulo: rôspel, 2003.

RODRIGUES, George Melo. **Arquivologia:** Coleção Técnico e Analista Tribunais. Salvador: Editora JusPODIVM, 2011.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos Modernos: princípios e práticas.** 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de. 3. ed. A classificação como função matricial do que-fazer arquivístico. In: Vanderlei Batista dos Santos, Humberto Celeste Innarelli, Renato Tarciso Barbosa de Sousa (org.). **Arquivística:** temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento. Distrito Federal: Editora SENAC, 2009.

JARDIM, José Maria. Políticas públicas arquivísticas: princípios, atores e processos. Arquivo & Administração, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 5-16, 2006.

BELLOTO, H. L. Arquivos permanentes: tratamento documental. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

APÊNDICE - Questionário aplicado com os arquivistas da UFPB (Campus I)

Prezada (o),

Sou concluinte do curso de Graduação em Arquivologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB e sob a orientação do Prof. Ms. Genoveva Batista do Nascimento, estou desenvolvendo uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso – TCC, que tem como tema: O perfil do arquivista que atua na Universidade Federal da Paraíba, campus I. .

Ao concordar em colaborar com a pesquisa não é necessário que se identifique e suas informações permanecerão em sigilo.

QUESTIONÁRIO**1. Sexo:**

Masculino () Feminino ()

2. Idade:

Até 25 anos () De 25 à 35 anos () Acima de 35 anos ()

3. Formação:

Especialização () Qual_____

Mestrado () Qual_____

Doutorado () Qual_____

4. Tempo de serviço no Arquivo (em anos): _____

5. Que tarefas/atividades são desenvolvidas por você no arquivo?

6. Precisou buscar alguma qualificação para suprir alguma dificuldade específica no seu trabalho?

Sim ()

Não ()

7. Suas atribuições de trabalho são compatíveis com a de um arquivista?

Sim ()

Não ()

8. Quais as principais dificuldades encontradas no seu ambiente de trabalho que dificulta o andamento das suas atividades?

Muito obrigada!!